

Temo o povo, mas sou contra

AMARAL NETO

O comício da Sé foi uma grande demonstração. Mas não se situa entre os maiores nas proporções populacionais das épocas e dos lugares.

Os Ulysses, e seu fiel escudeiro "biónico" (que, sem nunca ter tido votos, é o executivo das "diretas-já"), repetem à exaustão que a queda da Bastilha está próxima. Esquecem que a queda da Bastilha não entrou na história só por seus ideais, mas, também, pelo uso de um aparelho, que decepava cabeças aos montões: a guilhotina. Aliás, cortou, inclusive, as cabeças dos seus criadores...

Multidões proporcionalmente maiores que as da Sé — povo, povo puro — lotaram as praças de Paris, aplaudindo delirantemente cada cabeça que caía ensanguentada no cesto da purificação revolucionária.

Era o POVO, meus camaradas da política, do jornalismo, das artes e das novelas de televisão... Povo, no duro. Igualzinho ao que se comprimiu na Praça da Sé.

Eu, apenas, não sei identificar na atual e ulyssseana tomada da Bastilha, que nome, terrão, hoje, os Robespierre, os Danton, os Marat e quejandos...

Existem exemplos sensacionais e operativos sobre concentrações populares.

Exemplos bíblicos, até. E, no principal deles insisto, embora por isso, me chamem até de sacrilego e hereje... No entanto, as Sagradas Escrituras nos foram legadas para que nelas sentíssemos, vivéssemos e interpretássemos a própria razão de ser.

As vésperas da Páscoa, uma multidão incalculável — povo, minha gente, povo como o da Sé — chamada por Pilatos para eleger, entre o bandido Barrabás e um homem sem pecado chamado Jesus, qual deles deveria ser libertado — a multidão incalculável — como a da Sé — ululante, raivosa, exigente e definitiva, votou: — "Liberta o bandido e crucifica o Cristo". E entre os manifestantes, solidários com eles, todos os juizes e todos os sacerdotes.

Séculos se foram, e multidões muito mais incalculáveis que as da Sé, aclamaram e levaram ao poder absoluto, Napoleão, Hitler, Mussolini, Stalin, Fidel Castro.

Em 1937, Plínio Salgado fazia marchar no Rio de Janeiro 100 mil camisas-verdes. Sem transporte gratuito; sem o governo do Estado ou dos municípios; sem anúncios na televisão; sem Chicos nem Fafás — sem as verbas gastas em nome da Sé e sobre as quais não se sabe que contas serão prestadas. Plínio Salgado acabou no exílio e Getúlio Vargas, ditador sem votos, aclamado por multidões que não caberiam nem em cinco ou seis espaços iguais aos de São

Paulo...

Em 1945, o brigadeiro Eudardo Gomes levou às ruas centenas de milhares no Brasil inteiro. Quem ganhou a eleição não punha nas praças sequer um gato pingado: Eurico Dutra.

E no meu Rio de Janeiro, agora ocupado pelo "rei das multidões", precisamente na Cinelândia, reuniu-se, também ululante, massa proporcionalmente igual a da Sé. Foi nas eleições de 82. O "dono" da festa era o candidato do PMDB, fragorosamente derrotado. Com artistas, intelectuais, periferia e tudo...

Mas, além da Bastilha, os Ulysses e seu fiel escudeiro "biónico" — comandando diretas-já para os outros, mas usando seu mandato, suas regalias, e seus subsídios indiretos e biónicos que ele quer só para ele — elegeram a Argentina como exemplo-mor de sua campanha.

Perguntamos: amnésia, ignorância ou má fé? Escolham à vontade.

Na Argentina multidões se derramaram pelas ruas e praças para levar Perón ao poder. Multidões voltaram às praças e às ruas para derrubar Perón.

E ali, diante da Casa Rosada, multidões nunca vistas na América Latina — pobre Praça da Sé... — reuniram-se na mais unânime das unanimidades para exigir, histericamente, que seus maiores inimigos, os militares, invadissem as Malvinas. Quase um milhão de pessoas, senhores Ulysses e escudeiro "biónico".

E, hoje, as mesmas multidões, no mesmo local, depuseram e, se pudessem, linchavam os que invadiram as Malvinas.

Repito o que disse sobre as "diretas-já". De 22 a 64, em nove presidentes eleitos diretamente, UM, foi ditador constitucional (Bernardes); QUATRO, foram depostos (Washington, Café, Luz e Jango); UM, suicidou-se (Vargas); UM, renunciou (Jânio) e apenas dois, sendo um militar, cumpriram seus mandatos (Dutra e Juscelino).

E no exemplo máximo da Argentina dos Ulysses, meus caros desmemoriados, o que aconteceu de fato?

1943 — Eleito DIRETAMENTE é deposto o presidente Roberto Ortiz, em fevereiro de 1945, eleito DIRETAMENTE, o Brizola melhorado de lá, Juan Perón, é deposto em 1955 em 1962, é deposto Arturo Frondizi, eleito DIRETAMENTE, em 1958, em 1966, Arturo Illia, eleito DIRETAMENTE, também é deposto.

E a cada eleição direta, o fantasma das ditaduras militares se materializa cada vez mais.

E os Ulysses fingem esquecer, ou esqueceram mesmo, que em março de 1973 uma eleição DIRETISSIMA elegeu o presidente Campora 90%

(percentagem da moda) dos eleitores, compareceram às urnas para que o eleito renunciasse 50 dias depois da posse.

E tome de diretas-já na mul querida Argentina. Em setembro de 1973 — seis meses depois da outra DIRETA... — mais um direta-já. E o Brizola melhorado de lá, Juan Perón, com 62% dos 90% (percentagem da moda) do eleitorado, elegia-se mais uma vez presidente da República. Morria Perón em julho de 74, em meio à maior desordem e à maior bagunça que o Continente já viu.

Legitimidade e autoridade das "diretas-já"...

Assume sua sucessora legítima eleita diretamente: Isabelita. E mais uma vez o "azar" das diretas de lá, como das diretas de cá, faz com que mais um presidente seja deposto na Argentina.

E aí a ditadura do genocídio e da violência, adubada e cultivada por diretas malfeitas despendeu sobre o Prata.

Sou contra, radicalmente contra as "diretas-já", porque quero e almejo diretas para sempre.

E quando me perguntam se não tenho medo de assumir esta posição contra 90% do povo, respondo que TENHO. Tenho medo e MUITO. Mas tenho mais medo, ainda, de participar POR MEDO, daquilo que SEI que não vai dar certo, AGORA.

Recuso-me a aceitar a infalibilidade das multidões conduzidas. Recuso-me a fingir segui-las quando, de fato, elas estão sendo empurradas. Como foram na Judéia; em Berlim; em Roma; em Paris; no Rio ou em Havana e Buenos Aires.

Este é meu sexto mandato. Nunca fui "biónico" nem pertenci aos quadros do poder. Sinto e entendo o sofrimento deste povo pela inflação, pelo custo de vida, pela fome e pelo desemprego.

Meus votos, em 24 anos de disputas eleitorais, me dão o direito e mais do que direito, o dever, de não aceitar pressões populares ou não, para levar o próprio povo às consequências do radicalismo e do revanchismo.

Se 1964, transformou-se numa gigantesca decepção para todos nós, não há de ser com o meu aval e com o meu apoio que se entregará o poder pelas diretas aos incapazes, aos radicais e aos trapaceiros que geraram 1964.

Não. Não quero mais ouvir, às custas de diretas-já. Um Brizola qualquer, repetindo as perorações de Porto Alegre. Um Brizola qualquer conclamando o povo por ele derramar seu sangue — do povo, não dele — pedindo que fuzilassem os que resistissem, para, depois, cruzar, vestido de mulher, uma fronteira da vida, bem longe e a salvo das desgraças geradas por ele.

Amaral Neto é deputado pelo PDS do Rio de Janeiro